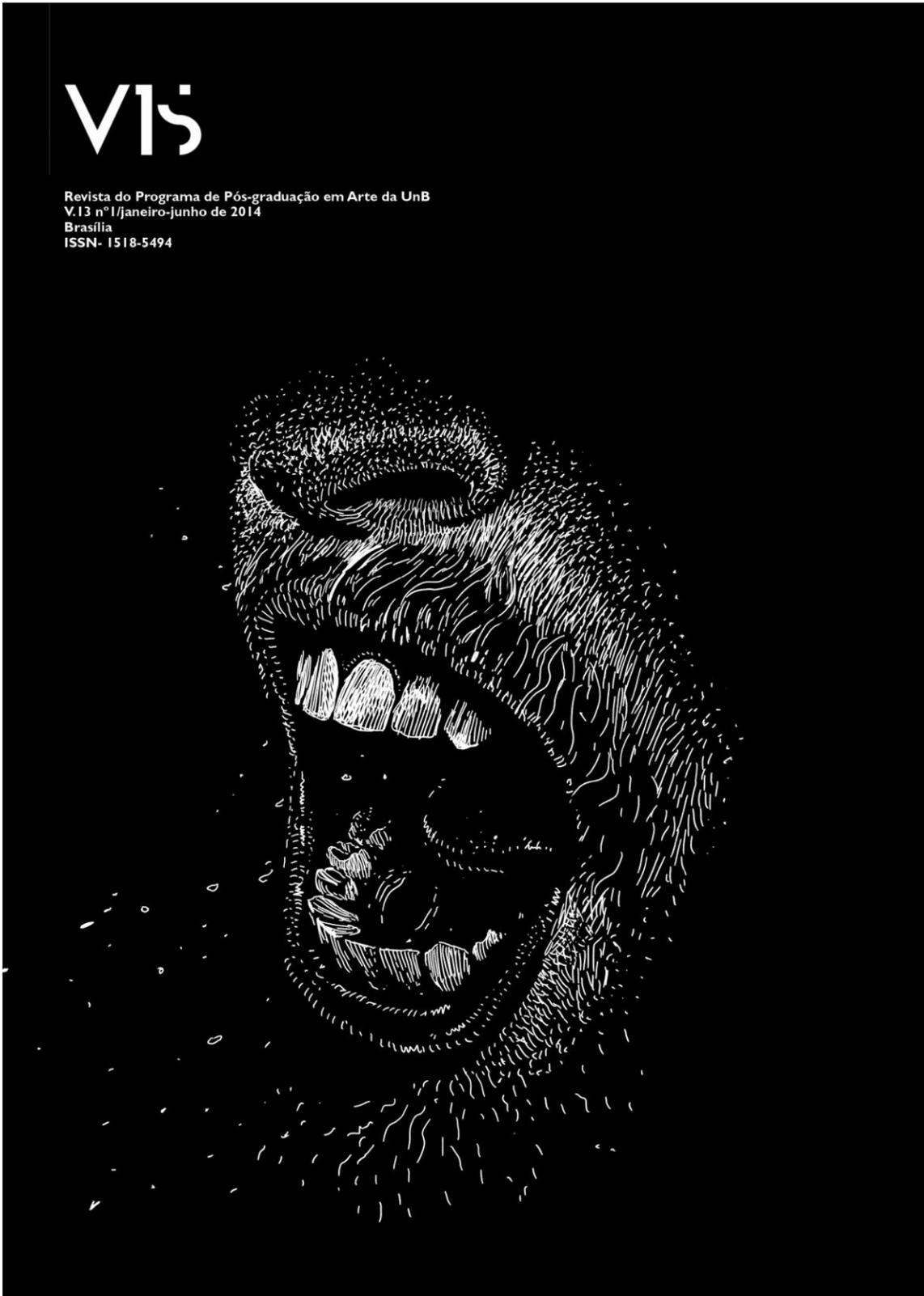


VIS

Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB

VIS

Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB
V.13 nº 1/janeiro-junho de 2014
Brasília
ISSN- 1518-5494



VIS
Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB
V.13 nº1/janeiro-junho de 2014 [2015]
Brasília
ISSN- 1518-5494

VIS

Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB

VIS
Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB
V.13 nº1/janeiro-junho de 2014 [2015]
Brasília
ISSN- 1518-5494

VIS
Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB
V.13 nº1/janeiro-junho de 2014 [2015]
Brasília
ISSN- 1518-5494

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**REITOR**

Ivan Marques de Toledo Camargo

VICE-REITORA

Sônia Nair Bão

INSTITUTO DE ARTES**DIREÇÃO**

Ricardo José Dourado Freire

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE**

Maria Beatriz de Medeiros

CHEFIA

Luisa Günther

REVISTA VIS**Editor Responsável**

Belidson Dias

Editores ah doc

Marcelo Mari

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Conselho Editorial:

Belidson Dias, Universidade de Brasília.

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira, Universidade de Brasília.

Luciana Hartman, Universidade de Brasília.

Marcus Motta, Universidade de Brasília.

Suzete Venturelli, Universidade de Brasília.

Conselho Consultivo

Anita Sinner, Concordia University.

Jorge Anthonio e Silva, Universidade de Sorocaba.

Jorge Coli, Universidade Estadual de Campinas.

Luis Sérgio Oliveira, Universidade Federal Fluminense.

Raimundo Martins, Universidade Federal de Goiás.

Ricardo Huerta, Universidad de Valencia.

Rita Irwin, University of British Columbia.

Capa

Eduardo Belga (Cabeça de Lobisomem)

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VIS: publicação eletrônica do Programa de Pós-graduação em Arte. Universidade de Brasília.
Departamento de Artes Visuais. Instituto de Artes. – v.13, n.1 (2014) – Brasília: UnB/FCI,
[2015]-

v.

Semestral

Disponível: [http:// http://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/index](http://http://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/index)

ISSN 2238-5436

1. Artes Visuais: Periódicos. 2. História e Teoria da Arte. 3. Educação e Linguagens Visuais.
I. Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em Arte.

CDU: 7 (05)

SUMÁRIO**Editorial – Dossiê História da Crítica de Arte no Brasil**

Marcelo Mari; Emerson Dionísio Gomes de Oliveira

Imigração e arte: o acúmulo de documentos e objetos como forma de construção de si

Patrícia Reinheimer

Medidas do desencanto

Samira Margotto

Estética de ruptura: o concretismo brasileiro

Gláucia Villas Bôas

A trajetória crítica de Ferreira Gullar e a experiência neoconcreta

Marcelo Mari

Do moderno ao informal: contribuições para uma história da arte expressiva brasileira

Ana Cândida de Avelar

A dificuldade da forma difícil

Sérgio B. Martins

Brasília: o contorno da imagem moderna

Rodrigo Queiroz

Mito e violência: “‘Cara de Cavalo’ morto com 52 tiros em Cabo Frio”, 4 de outubro de 1964.

Priscila Rossinetti Rufinoni

Estratégias de internacionalização e de resistência: a arte no Brasil e na Argentina na década de 1960

Maria de Fátima Morethy Couto

A vanguarda passou por BH: o mito da irradiação ou ressonância

Rodrigo Vivas

Ambiental e Guerrilha: estratégias de arte política no Brasil na década de 1960

Marco Pasqualini de Andrade

Horizontes do êxodo: artistas brasileiros em Nova York

Dária Jaremtchuk

Corpo em festa: Frederico Moraes e o Sábado da Criação

Artur Freitas

Presságios e projetos: o incêndio do MAM e os rumos da arte contemporânea

Sabrina Parracho Sant'Anna

Dossiê História da Crítica de Arte no Brasil (1930-1970)

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Marcelo Mari

O presente número da Revista Vis é dedicado à história da crítica de arte no Brasil, com estudos que se concentraram na produção artística e intelectual entre as décadas de 1930 e de 1970. Trata-se pois de número ímpar da Revista com uma série de contribuições sobre o debate da arte brasileira em momento profícuo de sua história, pois foi justamente durante esses anos do século XX, que não somente a crítica de arte se consolidou no Brasil e no mundo, mas também foi possível a formação e ampliação do gosto pelas artes visuais, ampliação de um público moderno, com o surgimento e a importância crescente dos museus e do mercado no contexto local. É preciso, além disso, destacar que a maior parte das contribuições e estudos contidos aqui dão ênfase para a relação entre arte e política, pois a contribuição histórica da crítica de arte, sobretudo moderna, foi pensar para além das próprias artes, o significado delas na sociedade que se criava.

Dimensão utópica de norteamento das ações para construção do homem do futuro e posterior desrealização desse ideal. O projeto moderno no Brasil – que se inicia com a formação da escola de arquitetura moderna em 1930 e tem seu auge em 1950 com a crítica de Mário de Andrade, Mário Pedrosa, Lourival Gomes Machado, Ferreira Gullar, Décio Pignatari, entre outros – envolveu muita gente e mobilizou a crítica, que no esforço de estabelecer relações, ainda que tênues, entre as atividades humanas e lhes captar o sentido de totalidade, visou aproximar técnica e arte, ciência e arte, trabalho, ética e arte. Mesmo no momento mais grave de sua desrealização, a crítica de arte, especialmente a brasileira, produziu esforço interpretativo da crise do projeto moderno e de suas consequências catastróficas posteriores, que vão do fim das políticas de estado de bem estar social até a precarização violenta do trabalho e o colapso ecológico. Embora aparentemente circulando em outra esfera, a crise do moderno em arte foi somente o sinal de fumaça de um incêndio gigantesco que envolvia as bases do estado nacional moderno e de suas instituições, que foram reduzidas a escombros pelas políticas do

neoliberalismo – termo muito empregado nos anos de 1960 e 1970 – e pelas políticas de estado mínimo dos anos de 1980 em diante.

A crise do Estado e das instituições modernas foi acompanhada pela própria crise da crítica de arte. Se, por um lado, a crise teve seu ponto mais alto nos anos de 1990 com a derrocada final das instituições de arte no Brasil e com a apologética do sistema de mercado, a injeção de capitais e o financiamento privado da arte brasileira e sua consequente internacionalização, por outro, o início desse processo todo ocorreu aqui por debaixo de nossas ditas barbas na degola produzida pelo golpe militar de 1964. O processo foi global e local, mas sem dúvida aqui começa com a interferência dos Estados Unidos, quando John Fitzgerald Kennedy e, logo em seguida, de Lyndon Baines Johnson articularam um conjunto de medidas para desestabilizar o governo de João Goulart e mais tarde promoveram o golpe militar, que controlou os movimentos sociais e iniciou o longo processo de modernização conservadora no Brasil.

Com o Ato Institucional de número 5, o País conheceu muito tempo antes de outros lugares, os efeitos nefastos e cruéis do Estado de Exceção e daí a atualidade de muitas de nossas propostas artísticas dos anos de 1960 e de 1970. A Arte dos anos de chumbo como desrealização histórica, já indicava o ponto máximo de inflexão, com a generosidade da aposta no processo emancipatório moderno, em um processo de recrudescimento da Ditadura Militar. Depois disso tudo, arte pós-moderna no momento em que a extroversão ganha lugar de destaque na socialização da vida interna do homem e portanto na morte do sujeito operada ao mesmo tempo que a espetacularização da sociedade e desta mola mestra do capitalismo contemporâneo que é a arte. Daí a atualidade desse número da Revista Vis em que os artigos da revista trazem contribuições essenciais no deslido da arte brasileira.

A ordem dos textos obedeceu mais ou menos uma cronologia e inicia com estudo de Patricia Reinheimer sobre moda e as negociações identitárias no Brasil dos anos de 1930 e de 1940. Logo em seguida, Samira Margotto faz análise do balanço de trajetória realizado por Mário de Andrade. Esse seria o balanço de Andrade às vésperas de sua morte. Na sequência, dois artigos tratam do debate sobre Concretismo e Neoconcretismo no cenário brasileiro. O artigo de Gláucia Villas Bôas enfatizará as condições que levaram a produções artísticas distintas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Já, a contribuição de Marcelo Mari versa sobre o

papel fundamental da crítica de arte de Ferreira Gullar na formação do Neoconcretismo pela ênfase em elementos existencialistas inscritos na filosofia da época e na própria poesia de Gullar.

Do outro lado diametralmente oposto da crítica militante, que defendia a arte de forma forte, exercida principalmente por Mário Pedrosa e Ferreira Gullar, está a figura de Lourival Gomes Machado com sua defesa do informalismo, que mereceu artigo aqui publicado de Ana Cândida de Avelar. Na esteira de interpretação da dificuldade da forma na arte e consequente dificuldade de interpretação do Brasil, temos aqui a contribuição de Sérgio Martins sobre a interpretação crítica do Brasil feita por Rodrigo Naves. Sobre o processo de modernização brasileiro, o ensaio de Rodrigo Queiroz traz à tona o debate sobre a mudança da Capital do País para Brasília e a significação local e internacional desta nova etapa da arquitetura moderna, considerada por muitos, como manifestação tardia do Projeto Moderno. De fato, Brasília pode ser considerada uma das grandes realizações da arte e da arquitetura brasileiras que tentaram inaugurar em um nível mais alto o significado e a dimensão do vivido.

O artigo de Priscila Rossinetti Rufinoni acompanha de perto a morte do bandido ‘Cara de Cavalo’, fartamente divulgada na imprensa da época, e sua atribuição de significado na obra de bôlide de Hélio Oiticica. A morte brutal com cinquenta e dois tiros era só um prenúncio de nossa barbárie, se não instaurada pelo menos mantida e exacerbada com a Ditadura Militar no Brasil. A expansão dos debates sobre a arte construtiva latino-americana é o tema principal do artigo de Maria de Fátima Morethy Couto que tratará de mais especificamente de estabelecer relações entre a arte brasileira e a argentina desde o estabelecimento das vanguardas construtivas até sua crise, antes e depois dos golpes militares, com a intervenção norte-americana na América Latina. De volta para o Brasil, no lugar próprio das ações fora do eixo, Rodrigo Vivas inspeciona a formação de ambiente artístico em Belo Horizonte.

Por seu turno, o crítico Frederico Moraes está presente no debate aqui e na comparação estabelecida por Marco Pasqualini de Andrade, que em artigo de fôlego opera aproximação entre Mário Pedrosa, Hélio Oiticica e o par Décio Pignatari e Frederico Moraes. A crítica nos anos de 1970 parecia seguir caminhos muito específicos, ainda mais quando se trata do entendimento do legado do projeto moderno frente à dura realidade da arte pós-pop, pós-moderna. É justamente no debate sobre o evento *Sábado da Criação*, proposto por Frederico

Morais em 1971, que se torna tácita a oposição entre institucionalização da arte no País dos Gerais e o espaço público como forma de descondicionamento estético e reproposição da liberdade e do direito de manifestação. Encerra o debate sobre a história da crítica de arte, o artigo de Sabrina Parracho Sant'Anna sobre o incêndio do MAM do Rio de Janeiro e suas repercussões no debate ainda aberto sobre o moderno e contemporâneo no Brasil.